

Projeto para salvar o rio Doce tem segunda fase

A113865

Adriana Machado

A primeira fase da execução do projeto "Descida Ecológica do Rio Doce", quando 14 canoístas percorreram os 875 quilômetros de extensão do rio, da sua nascente até a foz, acompanhados por terra por equipes de apoio, educação ambiental e de documentação, foi um sucesso total. Os integrantes desta iniciativa conseguiram atingir o objetivo principal do projeto, que era observar **in loco** as condições ambientais do Vale do Rio Doce, onde estão distribuídos 175 municípios mineiros e capixabas, chamando a atenção de milhões de pessoas para os graves problemas ecológicos que afetam a região. No entanto, apesar de todas as dificuldades passadas

para superar os obstáculos encontrados durante os 15 dias da expedição — de 22 de maio a 5 de junho —, agora, quando começa a segunda etapa do projeto, é que os ambientalistas terão que enfrentar um desafio ainda maior do que a viagem em si. Eles querem mobilizar outras entidades civis — ecológicas e comunitárias —, representantes do poder público, empresas privadas e a sociedade em geral para a realização de um "superseminário" onde os principais problemas levantados na primeira fase serão discutidos, juntamente com suas possíveis soluções. Somente com a participação integrada desses segmentos, acreditam os executores do projeto, é que "O Velho Doce" terá alguma chance de ser "salvo" da degradação ambiental a longo prazo.

Água só é pura na nascente

Somente na nascente do rio Doce, onde ele ainda é chamado de Piranga, em Senhora dos Remédios, Estado de Minas Gerais, é que os integrantes do projeto "Descida Ecológica do Rio Doce" conseguiram beber uma água pura, sem estar poluída. No restante da viagem, apesar de observarem alguns trechos ainda com matas preservadas, o que eles viram foi um retrato aterroizante da degradação ambiental que toda a região do Vale do Rio Doce vem sofrendo, desde o período em que começou a ser colonizada.

Logo na saída da expedição, a equipe do projeto teve uma boa surpresa, ao ver que a mata de araucária, que começa no sul do país, chega até o Vale do Rio Doce. As imagens de satélites nunca tinham registrado a existência desta floresta na região do rio Doce. Em seguida, também um outro aspecto positivo foi notado. A mata natural da região, que há 50 anos passa por um processo de regeneração natural, já que foi totalmente destruída antes desse período, está crescendo.

Porém, um pouco mais adiante, onde se encontram duas represas no rio Piranga, foram vistas 13 balsas usando mercúrio para exploração de ouro, inclusive, algumas com autorizações dadas pela Fundação Estadual de Meio Ambiente de Minas, que, por sinal, é uma das patrocinadoras do projeto "Descida Ecológica". Além do uso de mercúrio, que polui a água do rio, estão sendo usados jatos de água para soltar o barro e peneirar o ouro, o que provoca o assoreamento do rio.

Durante dois dias de viagem, percorrendo cerca de 150 quilômetros do rio, na região abaixo de Ponte Nova, os integrantes do projeto observaram

ambientalistas registraram maior presença de animais, principalmente capivaras e alguns macacos.

Mas, logo no final do parque, quando o rio Doce começa a receber as águas do Rio Piracicaba, que passa pelo Vale do Aço — onde estão localizadas as siderúrgicas — o nível de poluição por substâncias tóxicas causou espanto. A água ferve, segundo relato dos participantes do projeto, e os canoístas sofreram ardências nos olhos, só conseguindo atravessar esse trecho com lenços amarrados no rosto. Esta região é onde a situação do rio Doce é mais crítica.

E, somado à poluição dos resíduos industriais, na medida em que vão aparecendo os maiores centros urbanos, como Governador Valadares, a contaminação por coliformes fecais vem agravar ainda mais o quadro de degradação ambiental. Um dos poucos peixes que ainda conseguem sobreviver nesta região é o pacumã, que, aliás foi introduzido no final da década de 50, sendo original do rio São Francisco, situado no Nordeste do Brasil.

Até a foz do rio Doce, em Regência, o assoreamento (formação de bancos de areia e pequenas ilhas) fez parte da paisagem. Em 1960, o nível de profundidade do rio Doce era de três metros. Hoje, a média fica em 90 centímetros, e uma tese de doutorado feita na Universidade Federal de Minas Gerais comprovou que diariamente, nos leitos dos rios que formam a bacia hidrográfica do rio Doce, são despejados 2.400 metros cúbicos de terra. A quantidade de argila lançada no rio tem prejudicado o fenômeno da Piracema, fazendo com que ocorra uma mudança de época natural do acasalamento, que antes



A chegada a Regência dos canoístas da Descida Ecológica do Rio Doce acabou virando uma grande festa

Viagem conscientiza população

Nas últimas décadas, o vale do rio Doce, com 85 mil quilômetros quadrados, vem sendo estudado por cientistas e técnicos ligados às universidades, fundações de ensino e pesquisa e pelos órgãos públicos. Mas, desta vez, através do projeto "Descida Ecológica do Rio Doce", um grupo de pessoas conseguiu reunir as informações já existentes e levantar outras durante a viagem da nascente à foz, que formam um quadro global dos gravíssimos problemas ambientais da região e as suas consequências para a qualidade de vida das populações que residem na bacia.

E, com um detalhe importantíssimo: na primeira fase do projeto, as comunidades que habitam 28 cidades ribeirinhas, a maioria carente passaram da condição de pessoas, na maior parte das vezes, totalmente "ignorantes" em relação às causas dos problemas mais sérios que as afetam, para um estágio mais avançado, ao receberem as informações repassadas pelos participantes dos projetos, durante as palestras realizadas em cada uma das localidades.

Qualidade de vida

Um dos organizadores do projeto Descida Ecológica do Rio Doce, o técnico da Fundação Serviços de Educação e Cultura, de Governador Valadares, Henrique Logo, garante que, a partir do trabalho de educação ambiental feito paralelo à viagem dos 14 canoístas em toda a extensão do rio Doce, as comunidades visitadas

tes em saber de que forma eles são afetados pela degradação ambiental do rio Doce surpreendeu a todos os técnicos responsáveis pelas palestras. "Nadar e pescar, usando o rio para lazer, assim como banhar as crianças nesta água poluída foram cenas que nós presenciamos ao longo de todo o percurso. E, nas conversas com os moradores, nós constatamos que eles desconhecem os riscos a que estão se submetendo", afirmou Lobo.

O cólera e a esquistossomose, aliás, foram os dois assuntos que mais despertaram interesse nas cidades visitadas. As equipes de educação ambiental mostraram, através de filmes e audiovisuais, por que a qualidade da água do rio Doce é a principal causa do baixo nível de saúde da população. A bacia é atualmente a mais endêmica do país em esquistossomose. O próprio técnico da Funsec já contraiu a doença apenas coletando amostras de água, e algumas análises já registraram índices absurdos de coliformes fecais na água, devido à falta de tratamento dos esgotos lançados no rio Doce. Enquanto que o máximo tolerado são dois mil coliformes por 100 mililitros de água, algumas amostras possuíam até 210 mil coliformes fecais.

Por onde passaram, os técnicos deixaram instruções de como as populações devem proceder daqui por diante. A elas foi sugerido, por exemplo, que denunciem aos órgãos competentes as indústrias poluidoras ou os responsáveis pelos desmatamentos ou queimadas criminosas de suas ma-

plástico, mas apenas restos de comidas, frutas e folhas.

Nas cidades com maior densidade populacional, como Governador Valadares e Colatina, Henrique Lobo sentiu que o envolvimento das pessoas que estiveram nas palestras não foi tão grande quanto nas comunidades carentes. "Elas são mais elitizadas", frisou o técnico. Mesmo assim, em todos os lugares por onde a equipe do projeto passou, sempre foi bem recebido e, por um público nunca inferior a 100 pessoas. Ao todo, Lobo acredita que três mil pessoas tenham assistido às palestras.

Mas, se por um lado as visitas às cidades ribeirinhas já serviram de estímulo à mobilização das comunidades para a luta de preservação da bacia hidrográfica do rio Doce, por outra, admite Henrique Lobo, na segunda etapa do projeto as entidades e instituições ambientalistas terão que retornar a essas localidades para manter um acompanhamento técnico, enquanto também será organizado um amplo seminário para discutir a solução dos principais problemas que atingem a região, principalmente o desmatamento, assoreamento do rio e lançamento de esgotos sem tratamento nos rios, em especial, o jogado pelas siderúrgicas do Vale do Aço.

A pretensão dos executores do projeto é conseguir que, a longo prazo, seja feita a recuperação do rio Doce, com a adoção, por parte das empresas, de equipamentos antipoluentes no tratamento de efluentes líquidos, gasosos e deposição de resí-

Foto de Chico Guedes

Projeto contou com 35 pessoas

A viagem durante 15 dias ao longo dos 875 quilômetros de extensão do rio Doce contou com a participação de 35 pessoas. Dessas, os grandes "astros" da iniciativa foram, sem dúvida alguma, os 14 canoístas, que voluntariamente concordaram em aderir ao projeto elaborado por entidades ambientalistas capixabas e mineiras.

Em cada uma das 28 cidades, ribeirinhas, nas fazendas e, até mesmo em uma aldeia crenaque, eles sempre foram recebidos como verdadeiros heróis, em alguns casos, inclusive, com bandas de música e fogos de artifício. Renato Barcelos, da Associação de Canoagem da Barra do Jucu, afirma que não se esquecerá jamais da emoção que sentiu quando um padre, de uma vila carente, que ele não lembra o nome, realizou para a equipe do projeto uma missa campal. A mesma emoção eles sentiram ao serem recebidos com dança por índios crenaques de uma aldeia à margem do rio Doce.

Os obstáculos enfrentados, corredeiras, bancos de areia ou o mal-estar sentido no trecho onde gases tóxicos exalam da água poluída do rio, não foram a principal dificuldade, segundo os canoístas. A maioria, ao chegar na última quarta-feira em Regência, município de Linhares, onde fica a foz do rio Doce, só dizia que o pior mesmo foi a "saudade de casa".

Alguns aspectos da viagem deixou Renato Barcelos impressionado. "Onde tem a usina da Alcan na margem que é de sua propriedade, a região está preservada. Já do outro lado, onde o poder municipal tem o domínio o solo está todo erodido", afirmou. A ausência de animais, principalmente de peixes, também deixou chocados os canoístas.

Durante a viagem, eles perderam 15 remos e constantemente remenderam os caiaques com resina. Um deles apenas se machucou durante a descida. O remo atingiu sua boca e quebrou alguns dentes. Porém, na primeira cidade onde a equipe parou, um dentista atendeu gratuitamente o canoísta.

Segundo Barcelos, a expectativa dos canoístas agora é que realmente sejam implementadas ações para a recuperação da bacia do rio Doce. Pessoalmente, eles gostariam de ficar com os caiaques que foram utilizados nas empresas

Água só é pura na nascente

Somente na nascente do rio Doce, onde ele ainda é chamado de Piranga, em Senhora dos Remédios, Estado de Minas Gerais, é que os integrantes do projeto "Descida Ecológica do Rio Doce" conseguiram beber uma água pura, sem estar poluída. No restante da viagem, apesar de observarem alguns trechos ainda com matas preservadas, o que eles viram foi um retrato aterroizante da degradação ambiental que toda a região do Vale do Rio Doce vem sofrendo, desde o período em que começou a ser colonizada.

Logo na saída da expedição, a equipe do projeto teve uma boa surpresa, ao ver que a mata de araucária, que começa no sul do país, chega até o Vale do Rio Doce. As imagens de satélites nunca tinham registrado a existência desta floresta na região do rio Doce. Em seguida, também um outro aspecto positivo foi notado. A mata natural da região, que há 50 anos passa por um processo de regeneração natural, já que foi totalmente destruída antes desse período, está crescendo.

Porém, um pouco mais adiante, onde se encontram duas represas no rio Piranga, foram vistas 13 balsas usando mercúrio para exploração de ouro, inclusive, algumas com autorizações dadas pela Fundação Estadual de Meio Ambiente de Minas, que, por sinal, é uma das patrocinadoras do projeto "Descida Ecológica". Além do uso de mercúrio, que polui a água do rio, estão sendo usados jatos de água para soltar o barro e peneirar o ouro, o que provoca o assoreamento do rio.

Durante dois dias de viagem, percorrendo cerca de 150 quilômetros do rio, na região abaixo de Ponte Nova, os integrantes do projeto observaram extensas plantações de cana-de-açúcar, enquanto que, na região de São José do Goiabal, ainda em Minas, encontraram extensos plantios de eucaliptos para produção energética das siderúrgicas.

Neste trecho, o Parque Florestal do Rio Doce é uma exceção dentro da paisagem de devastação ambiental da região. Foi nesta parte da viagem que os

ambientalistas registraram maior presença de animais, principalmente capivaras e alguns macacos.

Mas, logo no final do parque, quando o rio Doce começa a receber as águas do Rio Piracicaba, que passa pelo Vale do Aço — onde estão localizadas as siderúrgicas — o nível de poluição por substâncias tóxicas causou espanto. A água ferve, segundo relato dos participantes do projeto, e os canoístas sofreram ardências nos olhos, só conseguindo atravessar esse trecho com lenços amarrados no rosto. Esta região é onde a situação do rio Doce é mais crítica.

E, somado à poluição dos resíduos industriais, na medida em que vão aparecendo os maiores centros urbanos, como Governador Valadares, a contaminação por coliformes fecais vem agravar ainda mais o quadro de degradação ambiental. Um dos poucos peixes que ainda conseguem sobreviver nesta região é o pacumã, que, aliás foi introduzido no final da década de 50, sendo original do rio São Francisco, situado no Nordeste do Brasil.

Até a foz do rio Doce, em Regência, o assoreamento (formação de bancos de areia e pequenas ilhas) fez parte da paisagem. Em 1960, o nível de profundidade do rio Doce era de três metros. Hoje, a média fica em 90 centímetros, e uma tese de doutorado feita na Universidade Federal de Minas Gerais comprovou que diariamente, nos leitos dos rios que formam a bacia hidrográfica do rio Doce, são despejados 2.400 metros cúbicos de terra. A quantidade de argila lançada no rio tem prejudicado o fenômeno da Piracema, fazendo com que ocorra uma mudança de época natural do acasalamento, que antes era de outubro a fevereiro e atualmente é de maio a setembro.

Em toda a bacia, também a população rural vem usando incorretamente e de forma abusiva os agrotóxicos. A consequência disso é que 50% das pessoas apresentam contaminação no sangue por defensivos organo-fosforados em níveis acima dos toleráveis, que provocam câncer.

Viagem conscientiza população

Nas últimas décadas, o vale do rio Doce, com 85 mil quilômetros quadrados, vem sendo estudado por cientistas e técnicos ligados às universidades, fundações de ensino e pesquisa e pelos órgãos públicos. Mas, desta vez, através do projeto "Descida Ecológica do Rio Doce", um grupo de pessoas conseguiu reunir as informações já existentes e levantar outras durante a viagem da nascente à foz, que formam um quadro global dos gravíssimos problemas ambientais da região e as suas consequências para a qualidade de vida das populações que residem na bacia.

E, com um detalhe importantíssimo: na primeira fase do projeto, as comunidades que habitam 28 cidades ribeirinhas, a maioria carente passaram da condição de pessoas, na maior parte das vezes, totalmente "ignorantes" em relação às causas dos problemas mais sérios que as afetam, para um estágio mais avançado, ao receberem as informações repassadas pelos participantes dos projetos, durante as palestras realizadas em cada uma das localidades.

Qualidade de vida

Um dos organizadores do projeto Descida Ecológica do Rio Doce, o técnico da Fundação Serviços de Educação e Cultura, de Governador Valadares, Henrique Logo, garante que, a partir do trabalho de educação ambiental feito paralelo à viagem dos 14 canoístas em toda a extensão do rio Doce, as comunidades visitadas têm agora condições de planejar formas alternativas para melhorar as condições ambientais de suas regiões, e, conseqüentemente, contribuir para elevar o nível da qualidade de vida.

Lobo relatou que o interesse das comunidades menores e mais caren-

tes em saber de que forma eles são afetados pela degradação ambiental do rio Doce surpreendeu a todos os técnicos responsáveis pelas palestras. "Nadar e pescar, usando o rio para lazer, assim como banhar as crianças nesta água poluída foram cenas que nós presenciamos ao longo de todo o percurso. E, nas conversas com os moradores, nós constatamos que eles desconhecem os riscos a que estão se submetendo", afirmou Lobo.

O cólera e a esquistossomose, aliás, foram os dois assuntos que mais despertaram interesse nas cidades visitadas. As equipes de educação ambiental mostraram, através de filmes e audiovisuais, por que a qualidade da água do rio Doce é a principal causa do baixo nível de saúde da população. A bacia é atualmente a mais endêmica do país em esquistossomose. O próprio técnico da Funsec já contraiu a doença apenas coletando amostras de água, e algumas análises já registraram índices absurdos de coliformes fecais na água, devido à falta de tratamento dos esgotos lançados no rio Doce. Enquanto que o máximo tolerado são dois mil coliformes por 100 mililitros de água, algumas amostras possuíam até 210 mil coliformes fecais.

Por onde passaram, os técnicos deixaram instruções de como as populações devem proceder daqui por diante. A elas foi sugerido, por exemplo, que denunciem aos órgãos competentes as indústrias poluidoras ou os responsáveis pelos desmatamentos ou queimadas criminosas de suas matas. Também foi dito que as comunidades devem procurar se informar de como se constrói uma fossa séptica e recomendado que o lixo doméstico seja enterrado em buracos e coberto de terra, acrescentando que o mesmo servirá como adubo para as futuras plantações, quando não é depositado

plástico, mas apenas restos de comidas, frutas e folhas.

Nas cidades com maior densidade populacional, como Governador Valadares e Colatina, Henrique Lobo sentiu que o envolvimento das pessoas que estiveram nas palestras não foi tão grande quanto nas comunidades carentes. "Elas são mais elitizadas", frisou o técnico. Mesmo assim, em todos os lugares por onde a equipe do projeto passou, sempre foi bem recebido e, por um público nunca inferior a 100 pessoas. Ao todo, Lobo acredita que três mil pessoas tenham assistido às palestras.

Mas, se por um lado as visitas às cidades ribeirinhas já serviram de estímulo à mobilização das comunidades para a luta de preservação da bacia hidrográfica do rio Doce, por outra, admite Henrique Lobo, na segunda etapa do projeto as entidades e instituições ambientalistas terão que retornar a essas localidades para manter um acompanhamento técnico, enquanto também será organizado um amplo seminário para discutir a solução dos principais problemas que atingem a região, principalmente o desmatamento, assoreamento do rio e lançamento de esgotos sem tratamento nos rios, em especial, o jogado pelas siderúrgicas do Vale do Aço.

A pretensão dos executores do projeto é conseguir que, a longo prazo, seja feita a recuperação do rio Doce, com a adoção, por parte das empresas, de equipamentos antipoluentes no tratamento de efluentes líquidos, gasosos e deposição de resíduos sólidos industriais. Nas cidades, seria feito tratamento dos efluentes líquidos com técnicas adequadas ao reaproveitamento do lixo ou destino correto do mesmo. E, direcionadas aos produtores rurais, adotadas técnicas de uso de preservação do solo na agricultura e pecuária.

mesma emoção eles sentiram ao serem recebidos com dança por índios crenques de uma aldeia à margem do rio Doce.

Os obstáculos enfrentados, corredeiras, bancos de areia ou o mal-estar sentido no trecho onde gases tóxicos exalam da água poluída do rio, não foram a principal dificuldade, segundo os canoístas. A maioria, ao chegar na última quarta-feira em Regência, município de Linhares, onde fica a foz do rio Doce, só dizia que o pior mesmo foi a "saúde de casa".

Alguns aspectos da viagem deixou Renato Barcelos impressionado. "Onde tem a usina da Alcam, na margem que é de sua propriedade, a região está preservada. Já do outro lado, onde o poder municipal tem o domínio o solo está todo erodido", afirmou. A ausência de animais, principalmente de peixes, também deixou chocados os canoístas.

Durante a viagem, eles perderam 15 remos e constantemente remenderam os caiaques com resina. Um deles apenas se machucou durante a descida. O remo atingiu sua boca e quebrou alguns dentes. Porém, na primeira cidade onde a equipe parou, um dentista atendeu gratuitamente o canoísta.

Segundo Barcelos, a expectativa dos canoístas agora é que realmente sejam implementadas ações para a recuperação da bacia do rio Doce. Pessoalmente, eles gostariam de ficar com os caiaques que foram adquiridos pelas empresas promotoras do evento. Cada dupla de canoísta representavam as seguintes entidades: Associação de Canoagem de Vila Velha; Associação de Canoagem de Colatina; Associação de Canoagem de Aimorés; e Associação Valadarense de Canoagem.